

**Definição e implementação de estrangeirismos no
Português do Brasil: um estudo à luz da
variação e mudança linguística**

Definition and implementation of foreignness traits in Brazilian
Portuguese: a study grounded on linguistic variation and change

Flavio Biasutti VALADARES*

INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO/CAMPUS SÃO PAULO – IFSP/BRASIL

RESUMO

O artigo aborda uso de estrangeirismos em início de implementação de processo de variação e mudança linguística, por meio de definição, com base na Teoria da Variação de Mudança Linguística. Apresenta conceituação na perspectiva teórica laboviana, além de explicitar definições sobre estrangeirismos; tem como objetivo mostrar casos de usos de estrangeirismos em início de implementação. O *corpus* utilizado recolheu trechos de textos publicados nas revistas *Época*, *Isto É* e *Veja*. Concluímos que a definição de um termo estrangeirismo caracteriza uma primeira tentativa de inserção do termo ao léxico da língua.

* Sobre o autor ver página 101.

PALAVRAS-CHAVE: Variação e Mudança Linguística. Empréstimos Linguísticos. Estrangeirismos.

ABSTRACT

This article discusses the uses of loanwords in early implementation process of linguistic variation, by definition, based on the Linguistic Changes Variation Theory. It presents concepts in theoretical Labovian perspective, and explains definitions about loanwords. This article also intends to show cases of loanwords uses in early implementation process. The corpus has used excerpts from the magazines: Época, Isto É e Veja. Concludes that the definition of a loanword term features a first attempt to insert the word to the lexicon of the language.

KEYWORDS: Language Variation and change. Loanwords. Foreignness.

1 Introdução

Alves (2002, p. 72) indica que, “numa primeira etapa, o elemento estrangeiro, empregado em outro sistema linguístico, é sentido como externo ao vernáculo dessa língua” e que “é então denominado estrangeirismo, ou seja, ainda não faz parte do acervo lexical do idioma”. É nesse ponto que pretendemos mostrar, neste artigo, casos de estrangeirismos que se apresentam com definição quando de seu uso. Para tanto, utilizamos dados coletados¹ nas revistas *Época*, *Isto É* e *Veja*, em que termos estrangeiros são utilizados com definição na sequência de seu uso.

Conforme Alves (2002, p. 76), “ao empregar um estrangeirismo, o emissor é, muitas vezes, consciente de que ele poderá não ser interpretado pelos receptores do texto. Por essa razão, em muitos contextos, a unidade léxica estrangeira é seguida de tradução ou até mesmo de uma definição do seu significado”. Nesse sentido, corroboramos a ideia de que sua definição caracteriza a primeira tentativa de inserir no léxico da língua o termo estrangeiro.

Nessa perspectiva, é importante delinear que os estrangeirismos estão em constante uso nas línguas, não sendo diferente no Português

¹ Retiramos os dados de VALADARES, Flavio Biasutti. **Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro:** variação e mudança linguística. 190p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo — PUC/SP, São Paulo/SP, 2014.

do Brasil, uma vez que faz parte da dinâmica das línguas o intercâmbio cultural, bem como as trocas linguísticas, além do importe de tecnologias que geram a adoção de termos novos. Ressaltamos, então, que, no Brasil, o uso de estrangeirismos ocorre, historicamente, entre os usuários da língua, com fortes reflexos nos diversos meios de comunicação, inclusive em revistas impressas de circulação nacional, de onde selecionamos nosso *corpus* para discussão.

De acordo com Baptista e Abreu (2010, p. 23), “os textos de revista buscam elaborar interpretações, a fim de esclarecer o público leitor sobre os principais fatos do cotidiano”, o que nos encaminha à noção de que o usuário é influenciado pela linguagem utilizada neste segmento midiático e, por isso, a revista é, ao mesmo tempo, um espaço de inovação da língua e de manutenção da tradição. Outro aspecto é o de que os empréstimos linguísticos são imanentes aos sistemas linguísticos e que podem contribuir para a inovação linguística e consequente renovação lexical.

Além disso, Carvalho (2002, p. 21) confirma que todos os empréstimos só podem ser reconhecidos ao se adaptarem a padrões criados pelos termos populares, tanto no nível fonológico, quanto na tipologia silábica, além da estruturação morfológica. Assirati (1998, p. 124) destaca que “o neologismo por empréstimo deve estar em conformidade com as regras morfossintáticas da língua de chegada e adaptar-se a seus sistemas fonológico e ortográfico”.

Isso considerado, citamos Martins (2008, p. 453-454) que ressalta, por exemplo, no século XIX, empréstimos de várias procedências, no âmbito literário, como “consequência inevitável da influência cultural de outros povos”. No mesmo trecho, a autora acrescenta que “eles se explicam não só por serem necessários à expressão de novos fatos, novas ideias, novas coisas provenientes de outros países, como também por parecerem sugestivos e evocadores de outros ambientes”.

2 Variação, Mudança Linguística e Estrangeirismos: conceituação, discussão e análise

Constatamos que, a partir dos estudos de Labov (1972²), a variação passa a ser considerada como inerente, regular e, enquanto tal, passível de uma análise linguística sistemática. Peres (2006, p. 38) ratifica isso ao considerar que “a concepção de língua como um sistema homogêneo, centrado no indivíduo, ou seja, desvinculado do grupo social que usa essa língua em suas interações diárias, foi adotada pela linguística histórica, pelo estruturalismo e pelo gerativismo”, isto é, como indica Lorengian-Penkall (2004),

os estudos de Labov não se situam à margem de uma linguística da língua, uma vez que ele considera que esta só tem sentido em um contexto social. Em outras palavras, diferentemente de Saussure e Chomsky, por exemplo, Labov quer buscar a estrutura heterogênea da língua enquanto falada por uma comunidade ou grupo social. Seu foco de interesse não são as formas categóricas da língua, mas as variantes – formas alternativas de se dizer a mesma, permitidas pela própria estrutura da língua e motivadas por condicionamentos externos; Labov quer mostrar a existência e o funcionamento de regularidades na variação, quer mostrar que esta é sistemática e previsível. (LORENGIAN-PENKALL, 2004, p. 70)

Gonçalves (2008, p. 43) salienta que “a variação no uso das formas alternativas linguísticas parece caótica à maioria dos estudiosos da escola estruturalista, mesmo que a ocorrência do fenômeno esteja limitada a um contexto bem definido [...]”. No mesmo trecho, o autor destaca que “a variação na fala parece aleatória ou livre para o estruturalismo americano, que não admite uma análise mais rigorosa” e que “a geração seguinte de linguistas, de princípios mais abstratos, opta por concentrar a sua atenção no falante/ouvinte ideal que, simplesmente não apresenta o tipo de variação dita livre por uma questão de priorização dos objetivos de estudo”.

Entendemos que a Sociolinguística, como indicam Chambers (1995), Monteiro (2000), Mattos e Silva (2002), Camacho (2003; 2013),

² LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

Mollica (2003), Cesário e Votre (2008) e Gonçalves (2008), trata de evidenciar a heterogeneidade inerente da linguagem, demonstrando que a variação é sistemática, regular e ordenada, além de estudar a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais.

Labov (1994) ressalta que toda língua apresenta variação, que é sempre potencialmente um desencadeador de mudança. Há de se considerar, também, que existem imposições socioculturais que contribuem para que determinadas palavras sejam usadas e tenham consequente relevância na comunidade linguística, razão pela qual quem as despreza pode sofrer sanções pela comunidade linguística da qual participa.

Em contrapartida, só estas imposições não são suficientes para legitimar certos usos. Bagno (2001) acrescenta que

todo grupo social pode indicar a distinção entre os seus e os outros. Isso acarreta um duplo fenômeno: por um lado, o código linguístico utilizado por um grupo tenderá a se unificar no seio do grupo e, por outro lado, esse mesmo código tenderá a se distinguir de outros códigos, seja da sociedade em seu conjunto, seja de outros grupos. (BAGNO, 2001, p. 158)

Toda mudança linguística, a nosso ver, traz conseqüências cujos benefícios só são legitimados *a posteriori*, muitas vezes, impedindo que se tenha uma noção mais exata e relevante das inovações sofridas pela língua, que nunca pode ser considerada velha ou nova, mas em constante transformação (BAGNO, 2001; COSERIU, 1979; DIAS, 1996; TARALLO, 1989).

Labov (2008) também mostrou que a mudança linguística não pode ser compreendida fora da vida social da comunidade em que ela se produz, uma vez que pressões sociais são exercidas constantemente sobre a língua, ou seja, a explicação da mudança linguística, em suas palavras, “parece envolver três problemas distintos: a origem das variações linguísticas; a difusão e propagação das mudanças linguísticas; e a regularidade da mudança linguística” (LABOV, 2008, p. 19).

No caso da adoção de estrangeirismos, entendemos que o processo de variação e mudança linguística ocorre nesta perspectiva. Dessa maneira, conceitualmente, segundo Valadares (2014), estrangeirismos são

palavras, efetivamente, oriundas de outro sistema linguístico, tomadas por empréstimo para suprir alguma necessidade conceitual, de ordem tecnológica, ou para a expressão de elementos socioculturais, referentes às trocas de ordem linguístico-cultural entre comunidades falantes de idiomas diversos (VALADARES, 2014, p. 111).

Campos (1986, p. 34) explicita que “o estrangeirismo seria um empréstimo que ainda não se naturalizou”; Barbosa (2004, p. 71-2) postula que “o estrangeirismo consiste em transferir (transcrever ou copiar) para a língua-alvo vocábulos ou expressões da língua-fonte que se refiram a um conceito, técnica ou objeto mencionado na língua-fonte que seja desconhecido para falantes da língua-alvo”; e Cunha (2003, p. 5-6) considera estrangeira “aquela palavra que, embora usada por alguns dos nossos escritores e, mais frequentemente, na linguagem da imprensa, ainda não foi completamente adaptada ao nosso idioma”.

Na visão de Faraco (2001), estrangeirismo

é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo (FARACO, 2001, p. 15).

Por fim, o conceito proposto por Guilbert (1975, p. 95-7) indica que o estrangeirismo é “a unidade lexical sentida como externa à língua”, além de considerar que “um termo de origem estrangeira deixa de ser neologismo a partir do momento em que entra no sistema linguístico da língua receptora, ou seja, quando deixa de ser percebido como termo estrangeiro”.

Para Alves (2002, p. 77), “a fase propriamente neológica do item léxico estrangeiro ocorre quando está se integrando à língua receptora, integração essa que pode manifestar-se através de adaptação gráfica, morfológica ou semântica”. Em nossos dados, mostramos casos nos quais esse processo neológico ainda está em fase de implementação do conceito, a fim de que se obtenha, posteriormente, uma adaptação e conseqüente integração, quando, de acordo com Alves (2002, p. 78),

“morfofossintaticamente, a integração à língua portuguesa manifesta-se nos casos em que o estrangeirismo começa a formar derivados e compostos”.

Nosso *corpus*, neste artigo, mostra os seguintes casos, retirados das revistas impressas de circulação nacional *Época*, *Isto É* e *Veja*, referentes a edições publicadas em 2011, no mês de setembro:

ACCOUNTABILITY

“O ponto incontestável é que os representantes numa democracia devem responder continuamente e de forma clara aos representados – é o conceito de accountability.” (ÉPOCA, nº 697, de 26.set.2011, p. 58)

CASTELLERS

“Há mais de 200 anos os catalães sobem uns nos outros para formar torres de até dez andares. Os ‘castellers’, como são conhecidos os participantes dessa tradicional competição, se reúnem durante a festa de Sant Fèlix, em Vilafranca del Penedès, na Espanha.” (ISTO É, nº 2182, 07.set.2011, p. 26)

DRONE

“... alvo de um drone, como são chamados os aviões tripulados da CIA...” (ÉPOCA, nº 694, de 05.set.2011, p. 78)

MASHUP

“A ideia de Favreau foi fazer um coquetel de referências pop, num estilo de filmes que hoje é chamado de ‘mashup’. O termo veio da informática e significa mistura.” (ISTO É, nº 2182, 07.set.2011, p. 118)

MODELLHUT

“... e ganhou até um nome, missão ‘modellhut’ (referência aos requintados chapéus que ela desenhava):...” (ISTO É, nº 2184, 21.set.2011, p. 93)

ROAST

“Na noite da reestreia, o canal Comedy Central exibiu um especial em que Sheen se submeteu ao que os americanos chamam de roast, ou zombaria, formato cômico em que uma celebridade passa por uma saudável expiação pública.” (VEJA, edição 2236, ano 44, nº 39, 28.set.2011, p. 135)

WATERBOARDING

“... o ex-vice-presidente defende os métodos de interrogatório adotados na guerra ao terror, incluindo o ‘waterboarding’, técnica de simulação de afogamento.” (ISTO É, nº 2182, 07.set.2011, p. 105)

WINGSUIT

“Jeb Corliss é um dos maiores especialistas em saltos de paraquedas usando wingsuit, uma roupa com membranas que o faz planar.” (ÉPOCA, nº 695, de 12.set.2011, p. 22)

O primeiro aspecto a ser considerado nos trechos selecionados refere-se a não indicação em *itálico* do termo estrangeiro, prática indicada em manuais de redação de boa parte das publicações brasileiras, o que contraria também a regra prescrita pela norma culta, uma vez que o estrangeirismo é tido pelas nossas gramáticas normativas como um vício de linguagem e, nesse sentido, deveria sempre vir em *itálico*, indicando tratar-se de uma palavra que não compõe o léxico da língua portuguesa.

Cumpramos ressaltar, ainda, que a imprensa brasileira é, de certa maneira, tradicional; ao mesmo tempo, é um espaço para as inovações da língua. No nosso *corpus*, das palavras selecionadas, 4 foram utilizadas em edições da revista *Isto É*, 3 na *Época* e apenas 1 nas edições de *Veja*, considerando-se, reiteramos, o período do mês de setembro de 2011.

É importante observarmos que, entre as 8 palavras estrangeiras selecionadas do nosso *corpus*, nenhuma está dicionarizada no Houaiss, dicionário de grande relevância para o registro do acervo lexical brasileiro. Isso nos confirma que, de fato, há uma tentativa de inserção desses novos conceitos, como veremos a seguir em cada um dos termos estrangeiros selecionados.

No caso da palavra *accountability*, constatamos que o jornalista apresenta a definição em inglês após explicitar que se trata de “os representantes numa democracia devem responder continuamente e de forma clara aos representados” (*ÉPOCA*, n° 697, de 26.set.2011, p. 58). Embora muitos termos estrangeiros sejam importados em razão de novas tecnologias, indicamos que não seja esse o caso de *accountability*, uma vez que refere-se a um aspecto da política.

Para o termo *castellers*, igualmente, indicamos que não se trata de uma nova tecnologia, o que nos leva ao entendimento de que a tentativa de inserção do novo conceito reside no aspecto sociocultural. No trecho, constatamos que a definição é dada com o termo entre aspas, seguido da explicação: “como são conhecidos os participantes dessa tradicional competição, se reúnem durante a festa de Sant Fèlix, em Vilafranca del Penedès, na Espanha.” (*ISTO É*, n° 2182, 07.set.2011, p. 26). Podemos inferir que o uso é feito muito mais para localizar o leitor, mas, ainda assim, é possível considerarmos, sim, uma introdução de uma definição com o termo estrangeiro.

A palavra *drone* traz uma definição mais vaga, contudo caracteriza-se, também, como uma maneira de inserção do conceito, ligado à tecnologia. A explicação “como são chamados os aviões tripulados da CIA...” (ÉPOCA, nº 694, de 05.set.2011, p. 78) remete ao uso da palavra na indicação de um tipo de aeronave, o que justifica nossa ideia de tentativa de inserção de novo termo estrangeiro.

Em relação ao termo *mashup*, é relevante observarmos dois pontos: o primeiro refere-se à procedência do termo – música (mistura de duas ou mais canções pré-existentes), passando a um uso também na área de informática (aplicação *web* que usa conteúdo de mais de uma fonte para criar um novo serviço completo); o segundo, a inserção já com ampliação semântica do termo, o que nos remete a um processo bem mais avançado de uso na língua, visto que sua migração conceitual ocorre para filmes e, mais recentemente, para livros.

Nos livros, a ideia é basear-se na história original de um livro clássico e criar uma história “atualizada” a partir daquele enredo e personagens, como é o caso de livros da literatura clássica – *Orgulho e Preconceito e Zumbis*, baseado em *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austin e *O Alienista Caçador de Mutantes*, baseado em *O Alienista*, de Machado de Assis, por exemplo. Podemos afirmar, com isso, que a palavra *mashup* tende a se caracterizar como um empréstimo ligado ao aspecto sociocultural.

Modellbut é um caso de inserção adjetiva que teve seu uso indicado como “referência aos requintados chapéus que ela desenhava” (ISTO É, nº 2184, 21.set.2011, p. 93), caracterizando-se por seu aspecto sociocultural. Outro ponto é a utilização como adjetivo, o que demonstra uma diferenciada forma de novo conceito, posto que a maior parte de palavras estrangeiras é importada em sua forma substantiva, mais raramente adjetivo; os verbos, por exemplo, sofrem aportuguesamento quase que imediato (Cf. VALADARES, 2013).

Quanto ao termo *roast*, confirmamos nossa ideia de que léxicos estrangeiros provenientes de trocas socioculturais tendem a ganhar espaço entre os usuários, o que verificamos nesse caso, já que tem sido feita a adoção do termo e do conceito pela TV brasileira, ainda que

em canais denominados fechados. Outro aspecto a considerarmos é quanto à existência de um equivalente em língua portuguesa (zombaria), reforçando nossa ideia de que a adoção do termo em inglês é fruto das trocas culturais.

Na palavra *waterboarding*, sua explicação vem em seguida a seu uso “técnica de simulação de afogamento.” (ISTO É, nº 2182, 07.set.2011, p. 105), ratificando que a adoção tende a ser por trocas culturais, visto que a tradução observada, em princípio, seria suficiente para o uso entre os falantes brasileiros. Ainda assim, o termo estrangeiro ganha destaque e confirmamos, dessa maneira, a tentativa de inserção da palavra estrangeira.

Por fim, o termo *wingsuit* é usado também seguido de sua explicação “uma roupa com membranas que o faz planar.” (ÉPOCA, nº 695, de 12.set.2011, p. 22). Nesse caso, consideramos que o termo é derivado de uma nova tecnologia, ligada ao esporte, e que, por isso, a inserção da definição aplica-se como necessária, mesmo que mais à frente seja criado um equivalente no português ou seu aportuguesamento.

3 Conclusão

Procuramos, neste artigo, mostrar como o processo de variação e mudança linguística tem seu início, no caso de nossa coleta em revistas, em usos de termos estrangeiros com sua respectiva definição, a fim de ser adotado por parte da comunidade linguística de palavras estrangeiras.

É possível identificarmos que há estrangeirismos com correspondentes em língua portuguesa e outros que são importados a partir de necessidades comunicativas decorrentes de novas tecnologias. Em nosso *corpus*, pudemos observar que apenas um termo estrangeiro apresenta correspondente dicionarizado em língua portuguesa (*roast* – zombaria).

Por isso, é fundamental entendermos, como nos esclarece Faulstich (1999, p. 56), que “nenhuma língua se desnacionaliza porque expressões estrangeiras entram nela”. Em sua concepção, a questão é saber até onde tais expressões passam a fazer parte da língua como

sistema e até onde são registros que passam a fazer parte de um código usado em situações específicas.

Em nossa análise, constatamos que os termos estrangeiros se encontram em um processo inicial de implementação, posto que sua definição remete a uma tentativa de se inserir a ideia + o termo estrangeiro, sendo possível inferirmos que, a exceção de *roast* – que tem equivalente em língua portuguesa (zombaria) – os outros termos são, de fato, termos novos, ou provenientes de trocas culturais, ou por questões de novas tecnologias.

Ratificando, então, nossa posição neste artigo, citamos Alves (2002, p. 72) para quem o léxico de um idioma “não se amplia exclusivamente por meio do acervo já existente: os contatos entre as comunidades linguísticas refletem-se lexicalmente e constituem uma forma de desenvolvimento do conjunto lexical de uma língua”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, I. M. **Neologismo**: criação lexical. São Paulo: Ática, 2002.
- ASSIRATI, E. T. Neologismos por empréstimo na informática. **Alfa**: São Paulo, v. 42 (n. esp.), p. 121-145, 1998.
- BAGNO, M. **Norma linguística**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BAPTISTA, Í. C. Q. e ABREU, K. C. K. A história das revistas no Brasil: um olhar sobre o segmento mercado editorial. **Plural**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, v. s/n, p. 1-23, 2010.
- BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução**: uma nova proposta. 2. ed. Campinas: Pontes, 2004.
- CAMACHO, R. G. **Da Linguística formal à Linguística social**. São Paulo: Parábola, 2013.
- CAMACHO, R. G. O formal e o funcional na teoria variacionista. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.) **Português brasileiro**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

- CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARVALHO, N. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo: Ática, 2002.
- CEZARIO, M. M. e VOTRE, S. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 141-155.
- CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic theory**. Oxford, Cambridge: Blackwell, 1995.
- COSERIU, E. **Sincronia, diacronia e história**: o problema da mudança linguística. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/Edusp, 1979.
- CUNHA, A. G. da. **Os estrangeirismos da língua portuguesa**: vocabulário histórico etimológico. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.
- DIAS, L. F. **Os sentidos do idioma nacional**: as bases enunciativas do nacionalismo linguístico no Brasil. Campinas/SP: Pontes, 1996.
- FARACO, C. A. (org.) **Estrangeirismos – guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2001.
- FAULSTICH, E. A função social da terminologia. **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**/org. Ângela C. de S. Rodrigues, Ieda Maria Alves, Norma S. Goldstein. São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- GONÇALVES, C. R. **Uma abordagem Sociolinguística do uso das formas você, ocê e cê no português**. 349 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.
- GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.
- LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**. v. 1. Oxford: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 2004.

MARTINS, N. S. Períodos da língua literária oitocentista. In: SPINA, S. (Org.). **História da língua portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008. p. 437-458.

MATTOS E SILVA, R. V. Variação, mudança e norma: movimentos no interior do português brasileiro. In: BAGNO, M. **Linguística da norma**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: _____ e BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PERES, E. P. **O uso de você, ocê e cê em Belo Horizonte**: um estudo em tempo aparente e em tempo real. 247f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2006.

TARALLO, F. **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989.

VALADARES, F. B. Verbos aportuguesados de anglicismos: indícios de variação e mudança linguística. **Confluência**: Rio de Janeiro, n. 44, p. 251-265, 1º semestre de 2013.

VALADARES, F. B. **Uso de estrangeirismos no Português Brasileiro**: variação e mudança linguística. 190f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), São Paulo, 2014.

Recebido em abril de 2014

Aceito em setembro de 2014

SOBRE O AUTOR

Flavio Biasutti Valadares é docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo/*Campus* São Paulo, Mestre em Estudos da Linguagem/PUC-Rio, Doutor em Língua Portuguesa/PUC-SP e Pós-Doutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie/SP, na área de Lusofonia. Atua na

linha de pesquisa Descrição do Português do Brasil, Variação e Mudança Linguística – Estrangeirismos e de Estudos Lusófonos.
E-mail: flaviusvaladares@hotmail.com